

RELATO DE EXPERIÊNCIA

**RELATO DE UMA INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA COM PLACAS DE
INFORMAÇÃO EM LIBRAS EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TIMBAÚBA-PE**REPORT OF A DIDACTIC-PEDAGOGICAL INTERVENTION WITH INFORMATION SIGNBOARDS IN BRAZILIAN SIGN
LANGUAGE (LIBRAS) IN A PUBLIC SCHOOL IN TIMBAÚBA, BRAZIL**ELSA FERREIRA SILVA COELHO DE LEMOS**

Gerência Regional de Educação da Mata Norte, Nazaré da Mata, PE, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-3575-5310>

RESUMO: O objetivo é divulgar o resultado de uma intervenção didático-pedagógica realizada com os alunos ouvintes de uma turma do 2º ano do ensino médio integral de uma escola estadual do município de Timbaúba a vivenciarem a Língua Brasileira de Sinais (Libras), por meio da elaboração de placas informativas para o ambiente escolar. Os aspectos metodológicos configuram-se por ser uma pesquisa-ação (Engel, 2000; Tripp, 2005), de cunho qualitativo (Gil, 2002; 2008). Como resultado final, oportunizamos aos alunos a aprendizagem da Libras para se comunicarem e promoverem a inclusão de colega surdo da escola ou qualquer outra pessoa surda que vive na sociedade por meio de placas de informação para sinalização do ambiente escolar. Para o professor, o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica no ensino da Libras na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; ensino médio; gênero discursivo.

ABSTRACT: The purpose of this article is to disseminate the result of a didactic-pedagogical intervention carried out with hearing students of a class of the 2nd grade of integral high school of a public school in Timbaúba city in order to experience the Brazilian Sign Language (Libras), through the elaboration of information signboards for the school environment. The methodological aspects are configured as an action research (Engel, 2000; Tripp, 2005) of a qualitative nature (Gil, 2002; 2008). As a final result, we provide students with the opportunity to learn Libras to communicate and promote the inclusion of a deaf classmate at school or any other deaf person living in society through information signboards to signal the school environment. For the teacher, the improvement of his pedagogical practice in the teaching of Libras in basic education.

KEYWORDS: Libras; high school; discursive genre.

INTRODUÇÃO

A inclusão é um fato imprescindível a ser respeitado e cada vez mais implantado na sociedade. Desse modo, este artigo justifica-se pela necessidade de pensar em formas de ensino que envolva o aluno ouvinte a fim de colaborar com a inclusão do aluno surdo e despertar o interesse por aprender Libras. Objetivamos, portanto, divulgar o resultado de uma intervenção didático-pedagógica realizada com os alunos ouvintes de uma turma do 2º ano do ensino médio integral de uma escola estadual do município de Timbaúba, estado de Pernambuco a fim de vivenciarem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio da elaboração de placas de informação para o ambiente escolar.

Com relação aos pressupostos teóricos, este artigo fundamenta-se nos estudos das Libras enquanto língua visual-gestual-espacial (Gesser, 2009; Brito, 2010) e no dispositivo metodológico da sequência didática (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010; Costa-Hübes, 2009; 2011), como forma de organizar didaticamente a elaboração de placas de informação em Libras para o ambiente escolar. Quanto aos aspectos metodológicos, este artigo orienta-se por um procedimento técnico centrado na pesquisa-ação (Engel, 2000; Tripp, 2005), de natureza social, assumindo, então, uma abordagem qualitativa (Gil, 2002; 2008).

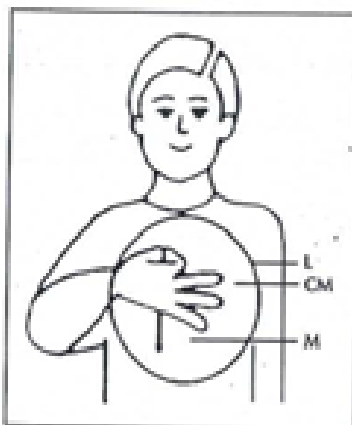
Com o intuito de proporcionar uma formatação que possibilite a exposição dos resultados que este artigo apresenta, o trabalho está dividido em cinco seções: na primeira seção, apresentamos um panorama geral introdutório do estudo ao leitor; na segunda, conceituamos os pressupostos teóricos; na terceira, tratamos dos pressupostos metodológicos; na quarta, apresentamos os resultados e discussão e, por fim, na quinta seção, apresentamos as considerações finais e as referências que constam neste artigo.

SÍNTESE TEÓRICA

Como a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos, as línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual ou espaço-visual. Embora seja nítida a diferença existente entre línguas orais e línguas de sinais, no que se refere a modalidade de percepção e produção, o termo fonologia tem sido usado para atribuir ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais.

Por este motivo, Quadros e Karnopp (2007) trazem o que foi proposto por Stoke, para marcar diferenças entre os sistemas linguísticos em Libras. O termo *quirema*, por exemplo, é entendido como unidades formacionais dos sinais (configuração de mão (CM), locação¹(L) e movimento (M)). Neste sentido, para o estudo de suas combinações, foi proposto o termo *quirolgia*, que no grego significa 'mão', entendido, portanto, como a arte de conversar por meio de sinais, ou seja, a datilologia. Por conseguinte, outros pesquisadores incluindo Stokoe, tem utilizado os termos *fonema* e *fonologia* expandindo seus significados de modo a estender-se a realização linguística visual-espacial (Quadros; Karnopp, 2007).

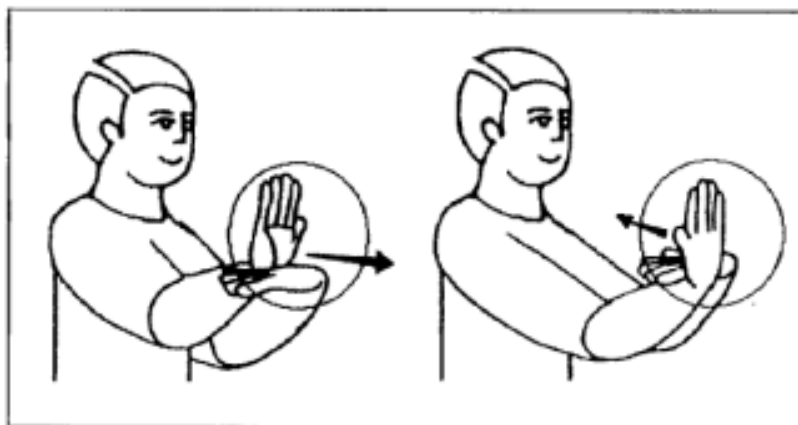
¹ Locação da mão (L) usado aqui como sinônimo de Ponto de Articulação (PA).

Figura 1 - Parâmetros como unidades formacionais dos sinais

Fonte: Gesser (2009, p. 14).

Legenda: Configuração de Mão (CM); Locação (L)

Outros estudos sobre a gramática da ASL² foram conduzidos, principalmente sobre os aspectos fonológicos, expondo um quarto parâmetro: a Orientação(O), ressaltando que o sinal pode mudar de significado de acordo com a orientação da mão (Gesser, 2009). Por exemplo: nas línguas orais, **pata** e **rata** se diferenciam pela alteração de um único fonema, que em linguística, recebe o nome de **par mínimo**. No nível lexical temos em Libras pares mínimos. Por exemplo, no sinal **ajudar**, a orientação da palma da mão diferencia o significado, validando, assim, mais um parâmetro.



Figura 2 - Orientação da palma da mão

Fonte: Gesser (2009, p. 16).

Os sinais podem ser realizados com uma ou duas mãos, independentemente se for a mão esquerda ou direita. Observemos, então, abaixo, a segmentação dos quatro parâmetros, através do sinal **conhecer** realizado com uma mão e o sinal **verdade** com as duas mãos.

² "ASL é a sigla utilizada para *American Sign Language* ou Língua de Sinais Americana" (FRYDRYCH, 2013, p. 20).

Figura 3 - Sinal *conhecer* realizado com uma mão

Configuração da Mão (CM)	Orientação da palma da mão (O)	Locação (L)	Movimento (M)
 [52]	 PARA O LADO [CONTRALATERAL]		

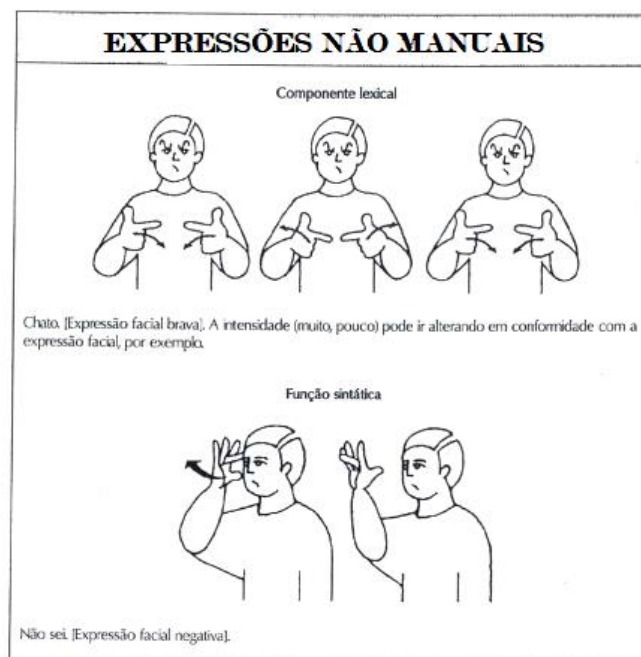
Fonte: Gesser (2009, p. 17).

Figura 4 - Sinal *verdade* realizado com as duas mãos



Fonte: Gesser (2009, p. 17).

As mãos não são o único mecanismo utilizado nas línguas de sinais para transmitir informação linguística. Os usuários da língua de sinais fazem uso extensivo dos marcadores não manuais, ou seja, as Expressão-não-manuais (ENM), que inclui Expressões Corporais (ECs) e Expressões Faciais (EFs), “[...] e são utilizadas como forças ilocutórias para transformação de uma sentença em perguntas, afirmações, pedidos, ordens e outros atos de fala” (Brito, 2010, p. 69).

Figura 5 – Expressão facial *brava* e *negativa*

Fonte: Gesser (2009, p. 18).

Todos os sinais que se fundem ao léxico utilizam os parâmetros considerados gramaticais e aceitos dentro dessa língua. Portanto, esses aspectos confirmam que a Libras é um sistema linguístico que se constrói a partir de regras, distanciando-a dos gestos naturais e das mímicas que não possuem restrições para a articulação. De acordo com Felipe e Monteiro (2007), na Libras há 64 (sessenta e quatro) configurações distintas. A partir destas configurações, o usuário de Libras utilizam sinais que podem apresentar a mesma configuração de mão, o mesmo ponto de articulação ou localização, sinais com e sem movimento, sinais com orientação ou direcionalidade e os sinais com movimento de expressões não-manuais que refere-se as expressões faciais e corporais, movimentos do corpo, da face, da cabeça e dos olhos realizados no momento da articulação do sinal³.

Como toda língua, a Libras tem o vocabulário aumentado com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em respostas às mudanças culturais e tecnológicas. Palavras que não possuem sinal, como, por exemplo, nome de pessoas e lugares, entre outras, podem ser soletradas no espaço neutro usando um recurso que faz parte das línguas de sinais produzido por diferentes formatos das mãos que representam as letras do alfabeto escrito e é escrito no ar, ou seja, o Alfabeto Manual ou Datilologia em Libras.

Os usuários da Libras recorrem a vários empréstimos: lexicais, sinais de outras línguas de sinais, inicialização domínios semânticos, ordem fonética. Em relação aos empréstimos lexicais na Libras, estabeleceu-se um alfabeto manual que é constituído de Configurações de Mão Constitutivas dos Sinais, as quais representam as letras do alfabeto da língua portuguesa.

Para traduzir nomes próprios ou palavras que não encontram equivalentes prontos em Libras ou para explicar o significado de um sinal a um ouvinte, usa-se a datilologia ou soletração

³ Com relação aos sinais em Libras, sugerimos aos leitores a consulta ao estudo de Lemos (2022c).

digital. Diferente da Libras que tem a diferença marcante, a simultaneidade das línguas de sinais na produção de seus fonemas, a datilologia segue à linearidade das línguas orais.

A datilologia (soletração manual) é linear. Segue a estrutura oral auditiva. É um recurso do qual se servem os usuários da língua de sinais para casos de empréstimos linguísticos vindo das línguas orais, constituindo-se de um alfabeto manual criado a partir de algumas configurações de mão(s) constituintes dos verdadeiros sinais. Às vezes, a datilologia é incorporada à estrutura própria dos sinais ou da língua perdendo seu caráter específico de soletração (Brito, 2010, p. 29).

Constata-se que a datilologia é uma representação da língua oral, logo, não constituindo função gramatical da Língua Brasileira de Sinais. Por conseguinte, a datilologia não é uma língua, “[...] é a pronúnciação manual das palavras de uma língua, é uma escrita volante que traça palavras sem tinta, nem pena, papel, lápis e nem pedra” (Ines, 2012, p. 26). A datilologia, portanto, está representada pela palavra separada por hífen, letra por letra. Por exemplo, o conceito **certo**, soletrado digitalmente e representado por um sinal:

Figura 6 - Datilologia e sinal do conceito *certo*



Fonte: Adaptação de Brito (2010, p. 22).

Portanto, o alfabeto manual na Libras são formas de mãos que representam as letras do alfabeto e a datilologia é a soletração de uma palavra usando esse alfabeto, diferente do sinal, que são produzidos com todas as unidades simultaneamente para formar enunciados e, dependendo do contexto, seu uso pode apresentar questões de ordem sociolinguísticas. Por isso, destacamos que “sinalizar é o ato de orientar/identificar através de sinais o ambiente, para que as pessoas o utilizem da melhor maneira possível” (Silva, 2011, p. 36).

Desta maneira, a sinalização por meio de placas de informação, serve para transmitir às pessoas a tranquilidade de mobilidade segura em um ambiente desconhecido, além de se deslocar melhor, garantindo a autonomia do usuário. O ambiente escolar é um dos lócus que acondiciona diversas informações. Para que esta instrução se torne útil, precisamos, entre outras ferramentas, de uma sinalização apropriada.

A sinalização de espaços abertos ou fechados deve ser feita com o propósito de “[...] identificar, controlar, prevenir, organizar, orientar e proporcionar a distribuição em um lugar onde a circulação das pessoas em áreas internas e externas se dê de maneira mais eficaz” (Silva, 2011, p. 37). Dessa forma, as pessoas podem usufruir dos serviços oferecidos pelos estabelecimentos comerciais, educacionais, religiosos e de entretenimento, numa relação social mais completa, dinâmica e inclusiva.

Se a escola é um espaço de comunicação, interação, ou seja, de vivência, ela deve dispor de uma sinalização, facilitando, assim, a autonomia dos usuários nas suas instalações. Quando entramos em um local, pela primeira vez, a sensação de insegurança e desconhecimento é comum. Contudo, quando se percebe que há indicações compreensíveis de onde ir, a insegurança e a desconfiança desaparecem. Isso tudo ocorre pela interação social dos ouvintes, que se dá pela relação da língua portuguesa que está presente na placa informativa, pelos ouvintes estrangeiros com a língua inglesa que ganha *status*⁴ de língua franca, e a Libras, pelos sinais que ela materializa os enunciados para e pelos alunos surdos.

Para isso, então, faz-se necessário organizar de forma didático-pedagógica o trabalho com este gênero discursivo para aulas da Eletiva de Libras. O dispositivo metodológico da sequência didática (SD) foi desenvolvido por colaboradores de Genebra (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010), com o intuito de orientar o estudo de um determinado gênero no contexto escolar, a partir de “um conjunto de atividades organizadas, de maneira metódica, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010, p. 82).

Diante disso, devemos considerar que as SD são instruções ou seguimentos que podem orientar o professor em sua prática de ensino, viabilizando intervenções sociais, oficializadas nas instituições escolares, tão necessárias para a organização da aprendizagem. Por essa razão, a SD tem sido um instrumento extensamente aplicado no ensino de línguas, garantindo, assim, o estudo dos gêneros discursivos e o caráter de interação no estudo do objeto da linguística aplicada.

Para tanto, o uso de SD no ensino de línguas defende uma proposta voltada para o desenvolvimento das capacidades de linguagem que instigam o momento da leitura e produção de um texto e que podem ser divididas em três capacidades: capacidade de ação; capacidade discursiva e capacidade linguístico-discursiva. A seguir, apresentamos o Quadro 1 com as capacidades de linguagem e suas definições.

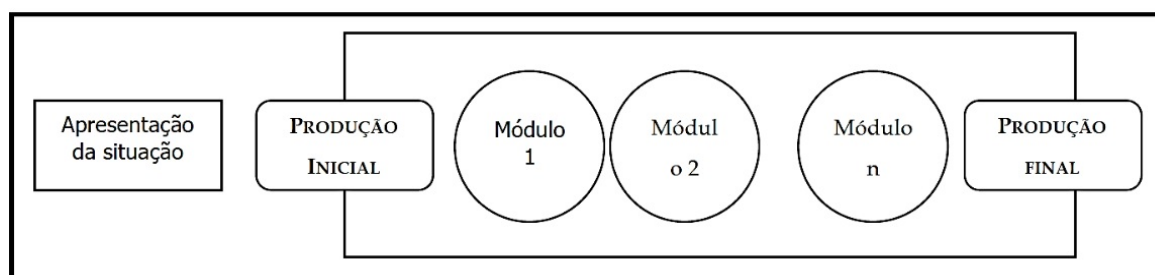
⁴ A consulta ao estudo de Gimenez, Calvo, El Kadri *et al.* (2015) busca discutir o conceito de como designar o inglês como língua franca.

Quadro 1 - Tipos de capacidades de linguagem e suas definições

CAPACIDADES DE LINGUAGEM	DEFINIÇÕES
Capacidade de ação	Capacidade de construir conhecimento e de mobilizar representações sobre contexto e situação imediata de produção de um texto (incluindo parâmetros físicos e socio subjetivos como adjetivo, conteúdo, entre outros).
Capacidade discursiva	Capacidade de reconhecer e/ou produzir a infraestrutura textual (incluindo plano geral do texto, organização do conteúdo, entre outros).
Capacidade linguístico-discursiva	Capacidade de mobilizar unidades linguístico-discursivas adequadas às operações de linguagem relativas à coesão, à conexão, à modalização e à distribuição das vozes, entre outras.

Fonte: Cristovão (2009, p. 54).

Segundo os estudos de Cristovão (2005; 2009), a finalidade do trabalho com a SD é propiciar ao aluno um procedimento de realização de todas as etapas para a produção de um gênero. A estrutura de uma SD pode ser representada em quatro fases.

Figura 7 - Etapas de uma Sequência Didática (SD)

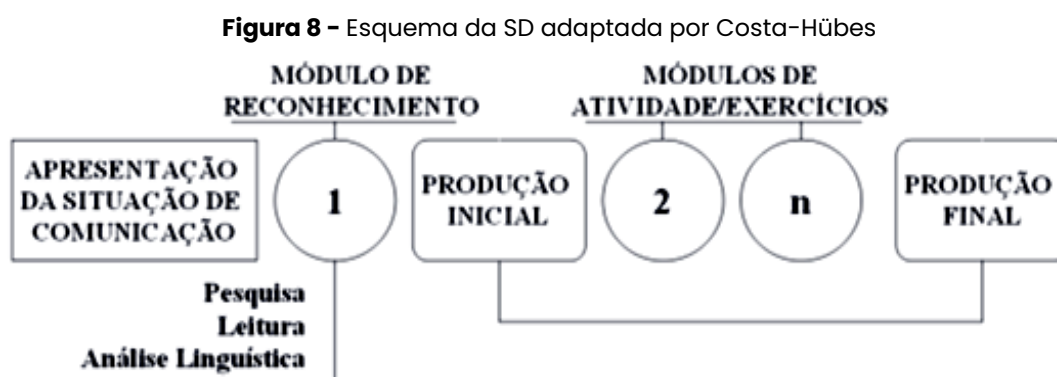
Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010, p. 97).

Na **apresentação da situação**, na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa da sinalização, ou seja, a apresentação dos parâmetros da Libras, de como os sinais são constituídos, visamos fundamentar a necessidade de produção e aprendizagem relacionada ao gênero discursivo, sinalizado pelos alunos. Na primeira produção, essa etapa permite ao professor(a), avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e exercícios previstos, na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma. Além disso, esta etapa define o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que devem desenvolver para melhor dominar o gênero, de acordo com as necessidades sociocomunicativas.

Com relação aos **módulos**, constituídos por várias atividades, temos os instrumentos necessários para este domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundados. Por fim, no conjunto que compõe uma SD, há a etapa da produção final. Essa etapa permite ao estudante colocar em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados. A produção final serve para uma avaliação de tipo somativa, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a sequência didática.

A sequência didática, numa perspectiva construtivista interacionista e social, supõe a realização de atividades intencionais, estruturadas e intensivas que devem adaptar-se às necessidades particulares dos diferentes grupos de aprendizes. [...] Desse ponto de vista, as sequências didáticas apresentam uma grande variedade de atividades que devem ser selecionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades dos alunos, dos momentos escolhidos para o trabalho, da histórica didática do grupo e da complementaridade em relação a outras situações de aprendizagem da expressão, propostas fora do contexto das sequências didáticas (Schneuwly; Dolz, 1999, p. 93).

A pesquisadora brasileira Costa-Hübes (2009; 2011), baseando-se na proposta teórica metodológica produzida pelos pesquisadores de Genebra (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010), realizou uma adaptação para a realidade escolar brasileira. Essa proposta de adaptação da SD, orientada por Costa-Hübes (2009; 2011), consiste na inserção de um **módulo de reconhecimento do gênero discursivo**, antes da etapa de produção inicial em atividades que contemplem a leitura, a pesquisa e a análise linguística com textos do gênero, conforme observado na figura 8:



Fonte: Swiderski e Costa-Hübes (2009, p. 120).

Quando Costa-Hübes (2009) propôs uma adaptação à proposta metodológica de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010), a pesquisadora procurou mostrar um caminho mais prático com atividades que permitam ao professor o envolvimento do conhecimento do leitor(a) e uso do texto, antes mesmo de se chegar à produção inicial. Dessa forma, o professor possibilita ao aluno, a prática de sinalização do gênero em estudo que circulam na sociedade.

Nessa perspectiva, ressaltamos que o dispositivo metodológico da SD adotado por Costa-Hübes (Costa-Hübes, 2009, 2011; Swiderski; Costa-Hübes, 2009) atendem às necessidades do ensino da Libras para a escola em que ocorreu a intervenção didático-pedagógica. Portanto, diante de todo o exposto, destacamos que este artigo elegeu o uso da SD a partir da releitura de Costa-Hübes (Costa-Hübes, 2009, 2011; Swiderski; Costa-Hübes, 2009) para a intervenção proposta, considerando o contexto sócio-histórico-ideológico dos participantes incluídos em um evento de interação.

DISPOSITIVOS METODOLÓGICOS

A intervenção didático-pedagógica utilizou como procedimento técnico a pesquisa-ação (Engel, 2000; Tripp, 2005), assumindo uma abordagem qualitativa (Gil, 2002; 2008). Por meio da pesquisa-ação, o pesquisador além de estudar o problema, envolve-se com a realidade investigada, interferindo adequadamente na realização de cada etapa da pesquisa. Em outras palavras, com a pesquisa-ação, é possível promover uma reflexão coletiva, envolvendo um grupo de participantes para melhorar as práticas sociais e/ou educacionais que acontecem, no caso deste artigo, no ambiente escolar.

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela (Tripp, 2005 p. 445-446).

A pesquisa-ação infere a participação dos pesquisadores na situação problema a ser investigada, ou seja, requer deles um envolvimento efetivo, buscando transformar a realidade constatada a partir da sua percepção, entendimento e empenho para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. O ponto que justifica como procedimento técnico a utilização da pesquisa-ação, é o fato da intervenção didático-pedagógica tornar-se um processo de aprendizagem para todos os participantes, usando estratégias úteis para que os envolvidos apreendam a situação e queiram modificar aspectos inaceitáveis, que são suscetíveis de mudanças e que exigem uma resposta prática. Desse modo, “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (Tripp, 2005, p. 446).

A pesquisa-ação, então, é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa para informar a ação que se decide realizar para melhorar a prática. Para isso, é necessário que os pesquisadores, de um modo geral, lancem mão de um instrumento para coleta de dados. Nessa perspectiva, este trabalho pautou-se na elaboração e aplicação de uma sequência didática (Lemos, 2022a; 2002b). Por sua vez, a sequência didática (SD) configura-se por ser um conjunto de atividades organizadas, sequencialmente e didaticamente, permitindo discutir o encaminhamento didático-pedagógico em torno da produção do texto (placas informativas para o ambiente escolar). Desse modo, levando os participantes fortalecer suas práticas discursivas na leitura, oralidade e escrita.

Este instrumento de coleta de dados foi construído a partir do dispositivo metodológico da SD (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010; Costa-Hübes, 2009; 2011), discutido na seção anterior. Os dados coletados, então, referem-se à aprendizagem da Libras a partir do gênero discursivo placas informativas para sinalização do ambiente escolar. Assim, é possível compreender como os participantes da pesquisa operacionalizam as capacidades de linguagem: a capacidade de ação; a capacidade discursiva e a capacidade linguística-discursiva em torno do gênero discursivo adotado.

A SD, então, nos serve como um dispositivo didático e pedagógico. É didático porque gera os dados a serem coletados, a partir dos textos produzidos pelos participantes durante a

aplicação da SD e, ao mesmo tempo, é pedagógico porque viabiliza a apropriação do conhecimento junto aos participantes da pesquisa.

Vale destacar que os participantes da pesquisa foram os alunos que estavam matriculados no 2º ano do ensino médio integral em uma Escola de Referência em Ensino Médio (EREM), localizada na cidade de Timbaúba, Zona da Mata Norte, estado de Pernambuco. A escolha por estes participantes se deu porque a disciplina Eletiva de Libras foi ofertada para essa turma no ano letivo de 2022.

Segundo o Currículo de Pernambuco (Pernambuco, 2021), disciplinas eletivas são unidades curriculares organizadas pelas escolas, ouvindo-se os interesses dos(as) estudantes e dos professores. Presentes no currículo do ensino médio da rede estadual de ensino de Pernambuco a partir do ano de 2018, as disciplinas eletivas podem ou não estar diretamente ligadas à área de conhecimento que o estudante escolheu seguir. Apresenta um potencial de ampliar o universo de conhecimento dos estudantes, dialogando com seus vários interesses. No Currículo de Pernambuco para o ensino médio (Pernambuco, 2021), as eletivas aparecem no primeiro, segundo e terceiro anos.

Além do interesse dos estudantes pela Eletiva de Libras, a proposta pôde ser embasada no Decreto nº 5.626 de 2005 (Brasil, 2005, online), que declara “[...] apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão da Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos”. Outrossim, na Instrução Normativa nº 007 de 2017 (Pernambuco, 2017), contempla-se no Art. 69 que a oferta do ensino da Libras no ensino fundamental e médio torna-se obrigatória “[...] para a Escola e de matrícula facultativa [...] cabendo ao estudante ou seu responsável fazer a opção de cursar o citado componente curricular no ato da matrícula” (Pernambuco, 2017, p. 12). Destacamos que a pesquisa foi apresentada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Pernambuco (UPE) e foi aprovada pelo colegiado do CEP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Iniciamos a coleta de dados no dia 10 de março de 2022 e a encerramos no dia 14 de junho de 2022. Para isso, o lócus da pesquisa, como já dito anteriormente, foi em uma Escola de Referência do Ensino Médio, situada na cidade de Timbaúba, estado de Pernambuco. No horário das 15h30min, após o intervalo, os alunos inscritos na disciplina **Eletiva de Libras** se dirigiram à sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), localizada no térreo da escola.

Estabelecemos nos planos de aulas da intervenção didático-pedagógica, 03 (três) módulos (Lemos, 2022a) que foram desenvolvidos e divididos em 15 (quinze) encontros, com 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos, todas as terças-feiras. Cada aluno recebeu um exemplar da produção didático-pedagógica que corresponde a versão do aluno (Lemos, 2002b), para acompanhar e realizar as atividades propostas.

No **módulo I (capacidade de ação): reconhecendo o envolvimento da imagem do sinal**, buscamos trabalhar a função social do gênero placas informativas para sinalização do ambiente escolar, a fim de os alunos vivenciarem a Libras, por meio da elaboração deste gênero discursivo para o ambiente escolar. A capacidade de linguagem que buscamos desenvolver é a capacidade de ação (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010; Cristovão, 2009), que tem a intenção de

construir conhecimento e de mobilizar representações sobre contexto e situação imediata de produção de um texto, ou seja, viabilizar de maneira sequenciada e didatizada as características composicionais que formam o gênero discursivo em estudo, neste caso, as placas de informação para sinalização do ambiente escolar. Para isso, foi realizado um conjunto de 03 (três) blocos de atividades neste módulo, composto por 04 (quatro) aulas.

Em uma das atividades do módulo I, tivemos o **Momento da Discussão**. Foi um encontro com 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos, em que trouxemos questionamentos relacionados ao conteúdo a ser trabalhado, ou seja, a função social do gênero placas de informação. Observando as contribuições de forma oral e por escrito dos alunos, embora as placas de informação façam parte do cotidiano diário, eles se mostraram pensativos tentando recordar em qual(is) local(is) se encontram as placas de informação e qual é a sua função social. A partir do momento em que entenderam a função social que as placas de informação possuem dentro da sociedade, a discussão se expandiu de forma exitosa.

Na sequência, na atividade **Curiosidade II**, trouxemos um vídeo que aborda a elaboração das placas informativas por meio de uma entrevista com profissionais da área, detalhando toda a produção. A partir dessa situação, os alunos puderam entender todo o processo de elaboração de uma placa de informação. Em seguida, apoiados no vídeo apresentado, tiveram condições de responder aos questionamentos propostos na seção **Trabalhando em Grupo**. Para finalizar, elaboraram um resumo de tudo que foi estudado, pesquisado e discutido no Módulo I, para depois, iniciarem o estudo do módulo II.


No **módulo II (capacidade discursiva): a datilologia e o sinal em Libras**, estudamos o modo de organização da estrutura composicional das placas informativas, isto é, o modo de reconhecer e/ou produzir a infraestrutura textual (incluindo o plano geral do texto, organização do conteúdo do texto), a fim dos alunos vivenciarem a Libras por meio da elaboração deste gênero discursivo para sinalização do ambiente escolar. Com um número estimado de 05 (cinco) aulas de 50 (cinquenta) minutos, neste módulo, trabalhamos a organização da estrutura composicional das placas informativas.

Ao introduzir o módulo II que corresponde ao estudo da capacidade de linguagem discursiva (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010; Cristovão, 2009), os alunos foram convidados a dar um passeio pela escola e explorar o ambiente escolar. Saímos da sala de aula e fomos caminhando na parte térrea e, depois, todo o primeiro andar da escola. Ao longo desta caminhada de reconhecimento da escola, orientamos que todos observassem quais as placas informativas haviam no ambiente escolar, o que elas estavam sinalizando e, a partir desta sinalização, o que poderíamos melhorar quando necessário. Nessa atividade organizada para o módulo II, denominada **Caminhando Juntos**, usamos 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos para colocarmos por escrito toda a observação que realizamos a partir das orientações que constam nos questionamentos organizados na SD (Lemos, 2022b).

Com a atividade **Colocando em Prática**, registrada pela figura 3, os alunos produziram modelos de placas informativas, considerando todas as características e os exemplos estudados anteriormente. O início da atividade foi de natureza prática, na qual os alunos escolheram e marcaram as opções necessárias das placas informativas mais acessíveis ao ambiente escolar da comunidade em que estão inseridos. Contudo, sentiram uma certa dificuldade em desenhar os modelos incluindo o sinal em Libras. Ao final, os alunos registraram tudo que aprenderam ao longo das atividades do módulo II.

Contudo, é importante mencionar que, em parceria com a professora da disciplina de Inglês da escola, escreveram em língua inglesa todos os vocábulos sinalizados na Libras e escritos na língua portuguesa, pois, sabemos que as linguagens verbais ou não verbais se cruzam, completam-se e se modificam incessantemente acompanhando o movimento de transformação do homem e suas formas de organização social.

Figura 9 - Colocando em Prática

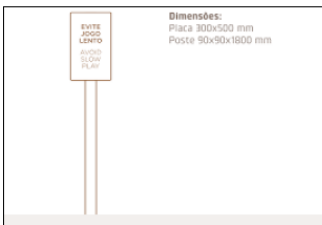


Colocando em Prática...

Em duplas, faça novamente (se necessário) um *tour* pelo espaço escolar. Identifique e escolha o local que sua dupla julga necessário colocar uma placa de sinalização. Produza, portanto, um primeiro rascunho considerando as características listada por você na atividade anterior ou conforme exemplo abaixo de normalização estrutural da placa informativa.

Estrutura para construção de uma placa de informação:

1. Imagem (opcional)
2. Registro escrito (língua portuguesa)
3. Registro escrito (língua adicional)



Dimensões:
Placa 300x500 mm
Poste 90x90x1800 mm

Fonte: Disponível online em: <<https://www.floema.com/producos/placa-informativa-golf/>>. Disponível em 21 mar. 2022.

O que aprendemos neste segundo módulo:

Fonte: Lemos (2022b).

No Módulo III (capacidade linguística-discursiva): a escrita em língua **portuguesa e língua adicional nas placas de sinalização**, listamos o vocabulário a ser empregado sobre o espaço escolar para elaboração das placas de informação em Libras. Este módulo III foi composto por 06 (seis) aulas de 50 (cinquenta) minutos e trabalhada a capacidade de linguagem que corresponde por ser a linguística-discursiva (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010; Cristovão, 2009). Nela, buscamos desenvolver a capacidade de mobilizar unidades linguístico-discursivas adequadas às operações de linguagem relativas à coesão, à conexão, à modalização e à distribuição das vozes, entre outras. Essa mobilização foi realizada a partir do conteúdo vocabulário empregado no espaço escolar para elaboração das placas de informação em Libras.

Na ocasião, os alunos realizaram a versão para a língua portuguesa, pela escrita dos léxicos relacionados ao ambiente escolar, representado pelo alfabeto manual da Libras. É uma atividade fácil e rápida para ser concluída pelo fato de todos já terem visto anteriormente nas aulas o alfabeto manual da Libras. Na finalização desta atividade, todos apresentaram a datilografia das palavras da atividade anterior e se concentraram nos sinais das respectivas

palavras traduzidas, para entenderem os cinco (05) parâmetros constitutivos da língua no ato da sinalização⁵.

Ao verem os sinais dos ambientes escolares, sentiram dificuldades em alguns sinais, mas ao praticá-los, as dificuldades foram sendo sanadas durante as aulas. Os ambientes sinalizados pelos alunos foram: sala de aula; sala dos professores; coordenação; sala de recursos; secretaria; sala da direção; biblioteca; banheiro masculino; banheiro feminino; refeitório; laboratório de informática; laboratório de matemática e laboratório de química.

Na plataforma de vídeos *Youtube* Brasil, no canal **Libras em Foco por Elsa Coelho** (Coelho, 2022), criado pelos autores desse artigo, encontramos uma *playlist*: **Construindo o vocabulário para sinalização de ambientes escolares**. Portanto, a partir das instruções que foram fornecidas durante a aula e, após a aula, por meio desta *playlist*, os alunos puderam praticar todos os sinais em Libras, como também, acessar o material que está organizado no material didático (Lemos, 2002b).

Na atividade final deste módulo, os alunos se juntaram, novamente em equipe, e iniciaram a atividade rascunhando a confecção das placas de informação para a sinalização do ambiente escolar em 03 (três) línguas: Libras, língua portuguesa escrita e língua Inglesa escrita. Depois deste primeiro rascunho, com as propostas das placas de informação já finalizadas e mediada pela professora da disciplina, fomos em busca de gráficas para repassar toda a discussão realizada em grupo ao longo dessas 15 (quinze) aulas.

⁵ Configuração de Mãos (CM), Locação (L), Movimento (M), Orientação da mão (OR), Aspectos não manuais dos sinais (NM) – expressões faciais e corporais.

Figura 10 – Placas de informação realizada pelo designer da gráfica a partir da produção textual dos alunos



Fonte: Acervo pessoal de Elsa Ferreira Silva Coelho de Lemos (2022).

Toda as despesas realizadas com a impressão e materiais de consumo para realizar as atividades da sequência didática ao aluno e a confecção das placas de informação para sinalização do ambiente escolar junto à gráfica foram custeadas pelo Edital de Apoio a Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade de Pernambuco (modalidade: APQ)⁶. Na figura 10, há placas de informação para a sinalização do ambiente escolar.

É importante destacar, que mesmo com o trabalho já finalizado e revisado pela professora da disciplina de Libras, o designer gráfico encontrou dificuldade de realizar o sinal em Libras da placa que sinaliza a Sala dos Professores. A princípio, ao realizarmos com os alunos(as) a leitura do primeiro *layout* das placas de informação enviado pela gráfica, constatamos que o sinal *Professores* não condizia com o Parâmetro Configuração de Mãos. Então, reenviamos para a gráfica com a forma que a mão deve mostrar ao sinalizar esta palavra. Na figura 11, registramos as imagens de antes e depois da correção na **Configuração de Mãos**.

⁶ A Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação (PROPEGI), através da Coordenação Geral de Pesquisa, e com a aprovação do Fórum de Coordenadores Setoriais de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação, tornaram público o Edital de Apoio a Pós-Graduação *Stricto sensu* da UPE – 2021, que visa apoiar docentes na modalidade de Auxílio para Projetos de Pesquisa (APQ), como parte do Programa Institucional para Excelência na Qualidade do *Stricto sensu* da UPE.

Figura 11 – Configuração de mão antes e depois da correção

Fonte: Acervo pessoal de Elsa Ferreira Silva Coelho de Lemos (2022).

O resultado da aplicação da intervenção didático-pedagógica no ambiente escolar pode ser visto pelo canal **Libras em Foco por Elsa Coelho** (Coelho, 2022), na plataforma de vídeos do Youtube Brasil por meio do link <<https://youtu.be/jhJoDWvvpRE>> e/ou do QR Code, conforme figura 12.

Figura 12 – QR Code da finalização da intervenção didático-pedagógica

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, divulgamos o resultado de uma interposição didático-pedagógica realizada com os alunos ouvintes de uma turma do 2º ano do ensino médio integral de uma escola estadual do município de Timbaúba, estado de Pernambuco. O objetivo da intervenção foi levar os alunos ouvintes a experienciar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio da elaboração de placas de informação para o ambiente escolar.

Constatamos, dessa maneira, que a escola se tornou inclusiva aos surdos. Portanto, a pesquisa realizada viabilizou mudanças no ambiente escolar, enriquecendo o processo de ensinar a Libras no ambiente escolar, abrangendo a imagem do sinal, a escrita em língua portuguesa e a escrita em uma língua adicional (inglês).

Além disso, contemplamos uma sensibilização de uma cultura brasileira que não se configura por falar apenas uma única língua, ou seja, a língua portuguesa. Pelo contrário, neste artigo, ficou evidente que remodelar o espaço escolar com a existência de outra língua em território nacional desfaz essa falsa ilusão de monolinguismo, tornando o ambiente escolar acessível, inclusivo e acolhedor para os surdos e demais cidadãos, respeitando as diferenças e apoiando a diversidade de cada um.

Almejamos, portanto, que este artigo propicie inquietações na visão de todos aqueles que faz parte da escola. Atualmente, usufruir da Libras como língua adicional que se constroem num processo social e humano é, sobretudo, oferecer uma língua natural baseada na diferença e não na deficiência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial**, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 10 jan. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 13 de fevereiro de 2017. **Diário Oficial**, 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em 10 jan. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 08 fev. 2023.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Diário Oficial**, 23 de dezembro de 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 10 jan. 2023.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2010.

CRISTOVÃO, V. L. L. Desvendando Textos com o Interacionismo Socio Discursivo. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (Orgs.). **O Texto como Objeto de Ensino, de Descrição Linguística e de Análise Textual e Discursiva**. Maringá: Eduem, 2009. p. 49-57.

CRISTOVÃO, V. L. L. Gêneros Textuais, Material Didático e Formação de Professores. **SIGNUM**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 173-191, 2005.

COSTA-HÜBES, T. C. Por uma Concepção Sociointeracionista da Linguagem: orientações para o ensino da língua portuguesa. **Línguas & Letras**, Cascavel, v.--, nº. especial XIX, p. 2-20, 2011.

COSTA-HÜBES, T. C. Reflexões Linguísticas sobre Metodologia e Prática de Ensino em Língua Portuguesa. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 35, p. 129-146, 2009.

COELHO, E. Libras em Foco por Elsa Coelho. **Youtube Brasil**. 2022. Disponível online em: <https://www.youtube.com/channel/UCY4mh58HX4cpq9wv3LqTbcQ/featured>. Acesso em 23 abr. 2023.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY B. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento. In: ROJO, R; CORDEIRO, G. S. (Orgs.). **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 95-128.

ENGEL, G. I. Pesquisa-Ação. **Educar**, Curitiba, v.--, n. 16, p.181-191, 2000.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto**: livro do professor/instrutor – curso básico. Brasília: MEC, 2001.

FRYDRYCH. L. A. K. **O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana**. 92 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?!**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL. A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIMENZ, T.; EL KADRI, M. S.; CALVO, L. C. S.; SIQUEIRA, D. S. P.; PORFIRIO, L. Inglês como Língua Franca: desenvolvimentos recentes. **Rev. Bras. Linguist. Apl.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 593-619, 2015.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Compendio para o ensino de surdos-mudos**. v. 3. Rio de Janeiro: INES, 2012 [1881]. (Série Histórica)

LE MOS, E. F. S. C. **Sequência didática com o gênero placas informativas para a inclusão das Libras na sinalização do ambiente escolar (versão do(a) professor(a))**. Mimeo: Nazaré da Mata, 2022a.

LE MOS, E. F. S. C. **Sequência didática com o gênero placas informativas para a inclusão das Libras na sinalização do ambiente escolar (versão do(a) aluno(a))**. Mimeo: Nazaré da Mata, 2022b.

LE MOS, E. F. S. C. **É Libras? Será que eu aprendo!:** uma proposta de intervenção didático-pedagógica a partir da placa de informação para sinalização do ambiente escolar. 249 f. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte. Nazaré da Mata, 2022c.

PERNAMBUCO. Instrução Normativa da nº 007 de 2017. **Diário Oficial de Pernambuco**, 17 novembro de 2017. Disponível em:
[https://200.238.105.211/cadernos/2017/20171117/1PoderExecutivo/PoderExecutivo\(20171117\).pdf](https://200.238.105.211/cadernos/2017/20171117/1PoderExecutivo/PoderExecutivo(20171117).pdf). Acesso em 10 fev. 2023.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esporte. **Currículo de Pernambuco do Ensino Médio**. Recife: A Secretaria, 2021.

PRIBERAM DICIONÁRIO. **Priberam**: dicionário da língua portuguesa. 2022. Disponível online em:
<https://dicionario.priberam.org/ilocut%C3%B3rio>. Acesso em 22 ago. 2023.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SILVA, R. A. **Sinalizar, para quê?**: uma proposta de sinalização para as bibliotecas da área da Saúde da UFRGS. 104 f. 2011. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Os Gêneros Escolares: das práticas de linguagem aos objetivos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo. v. 4, n. 11, 1999.

SWIDERSKI, R. M. S.; COSTA-HÜBES, T. C. Abordagem sociointeracionista & sequência didática: relato de uma experiência. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 10, n. 18, p. 113-128 2009

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005..

SOBRE A AUTORA

ELSA FERREIRA SILVA COELHO DE LEMOS

Mestre em Educação pela Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Mata Norte. Técnica em Educação Especial na Gerência Regional de Educação da Zona da Mata Norte da Secretaria de Educação de Pernambuco (SEE-PE), Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil.

E-mail: efclemos@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3575-5310>

SOBRE ESTE RELATO DE EXPERIÊNCIA

HISTÓRICO

Recebido em: 29/10/2024 | Aprovado em: 16/11/2024 | Publicado em: 20/11/2024

LICENCIAMENTO

Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).

COMO CITAR

LEMOS, E. F. S. C. de. Relato de uma intervenção didático-pedagógica com placas de informação em Libras em uma escola estadual de Timbaúba-PE. **Revista Formação**, v. 1, e006.

EDITOR RESPONSÁVEL

Jonathas de Paula Chaguri (UPE)

E-mail: jonathas.chaguri@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7525-9653>